

Cooperação?!

TRÊS rapazes nossos de Malanje, com o 8.º ano, que é em Angola a escolaridade obrigatória, e todos na casa dos vinte anos, estão agora connosco e têm sido «heróis» forçados de uma já longa odisseia.

Em Luanda esperaram quase um ano por um curso de mecânica automóvel que iria fazer-se... e nunca começou. Padre Telmo, aflito com uma Comunidade sobrelotada de 180 rapazes, muitos dos quais em idade de lançar na vida mas sem vislumbre de saída na desorganização desorganizada que é o País, virou-se para nós. No Centro de Formação do Cerco do Porto, onde sempre encontramos uma grande e amiga disponibilidade, prometeram que reservariam três lugares para eles num Curso previsto para o próximo Setembro. Mas seriam precisos os testes psicotécnicos que diriam se os rapazes tinham ou não o perfil necessário para o dito curso. Estes testes deviam ser feitos pelo Instituto de Formação Profissional de Angola que, mercê de um protocolo com o Instituto de cá, seriam aceites como

informação fiável para o ingresso dos rapazes aqui.

Ora lá não funciona nada senão a destruição e a morte violenta ou lenta — o que não está ao nosso alcance modificar. Propusemos ao Centro do Porto que mandassem daqui os testes para o Consulado Português em Luanda aonde os rapazes poderiam fazê-los; e o próprio Consulado os remeteria para cá, a fim de serem avaliados e permitirem a decisão. Claro que o Centro não tinha poderes para esta medida (parece que «sobrenatural!») e recorreu às instâncias superiores do Instituto do Emprego e Formação Profissional que não deram luz verde. Então, mais declarações nossas a garantir a subsistência e todos os cuidados dos três malanjinos — gaiatos tão nossos como os que do Minho e Trás-os-Montes até ao Algarve povoam as nossas Casas em Portugal — a fim de fundamentar os vistos que Padre Telmo, sabe Deus com que trabalhos, conseguia.

Vieram. Realizaram cá os devidos testes. Mas outro problema está pendente. É que os

certificados de habilitação escolar têm de ser cancelados em Luanda pela Autoridade de lá e pelo nosso Consulado para terem validade aqui. Há o Decreto-Lei n.º 219/97, de 20 de Agosto de 1997 (Diário da República n.º 191-1.ª série A) emanado do Ministério da Educação Nacional que define a equivalência entre os níveis escolares em Portugal e os de outros países. No que respeita aos PALOP's o Decreto-Lei até sugere uma certa vontade de cooperação!... Porém, como aquele Decreto-Lei, assinado por não sei quantos ministros e promulgado pelo Presidente da República, vem do Ministério da Educação e a acção formativa para que os rapazes vêm, é promovida pelo Ministério do Trabalho... mudámos de galáxia e são indispensáveis aquelas carimbadelas em Luanda para que possa ler-se na tabela definida pelo Decreto-Lei se o 8.º ano que lá completaram, equivale ao menos ao 6.º ano de cá, que é exigência para ingressar no Curso. É neste transe que ora estamos, aguardando com uma ansiedade parecida com a da mulher prestes a ser mãe no aproximar da sua hora.

Meu Deus, que arte diabólica têm os homens para complicar as coisas simples!

Para que é a Cooperação que temos?! Se ela tivesse, já sequer, a ambição de abrir

horizontes a um Povo maioritariamente jovem, condenado sem culpa própria à marginalidade — não inventaria meios (e os administraria escrupulosamente) para lhe dar as mãos, nomeadamente nas áreas da Saúde e da Formação Escolar e Profissional? Mas se o não faz, que ao menos aplane os caminhos dos que empreendem fazer o pouquinho que podem, sem lhe gastar um centavo — e nos evitem este desperdício inútil de energias.

Aos quatrocentos e oitenta rapazes que habitam nossas Casas em Angola e Moçambique devemos e queremos para eles um futuro digno, tanto quanto para os que moram nas Casas do Gaiato em Portugal. São todos filhos da rua e a rua não é pátria de ninguém.

Há dois meses, no refeitório da nossa Casa de Maputo, ouvimos o Presidente Chissano exortar os nossos rapazes a que aproveitem bem a Escola de Cidadania que a Casa do Gaiato é para eles. «Moçambique precisa de vós» — disse-lhes.

Também a este Presidente não custámos até hoje um só metical. Mas conforta-nos o apreço que interpretámos da sua palavra e o sabor de afecto que sentimos. Quem dera fosse assim em toda a parte!

Padre Carlos



SETÚBAL

A criança abandonada

FIQUEI suspenso com o desabafo do Padre Telmo na última edição d'O GAIATO, gritando em nome do povo angolano: — *Povo sofredor que quotidianamente arrasta a sua cruz!*... E conclui: — *Caminho longo e difícil pois a paz implica uma mudança radical das mentalidades; uma ordem moral: o enterro das ambições desenfreadas pelas riquezas. Tão custoso, portanto!*

O mesmo poderíamos nós bradar aqui, em Portugal, relativamente à criança abandonada, vítima de uma cultura materialista pensando que tudo se resolve com a técnica e o dinheiro e que a ordem moral é um conceito ultrapassado.

O «Rola» não teve escola. Ou melhor, de vez em quando ia às aulas, passando meses e anos a faltar! Com

doze anos frequentou assiduamente aqui, nesta Casa, o ensino do primeiro ano com aproveitamento, desde Setembro até ao Natal, altura em que a mãe o veio roubar.

A mãe é a voz mais potente no coração de uma criança, seja ela a que for! Ninguém duvida. Mas se é degradada, é também a força mais poderosa para guiar um menor à mais engenhosa delinquência: Pedir. Roubar. Prostituir-se. Drogar-se!, etc. Tudo a nossa sociedade desculpa e permite. Comuniquei à Polícia, ao Tribunal!... Tudo em vão!...

Valeu que no fim do ano escolar assaltou um supermercado. Às armas! Polícia e Tribunal em polvorosa!

O Padre Carlos dispôs-se a recebê-lo em Paço de Sousa, que, aqui, em Setúbal, corríamos o risco de tudo voltar ao mesmo.

Pois não. Trouxeram-no para esta Casa e a Obra é que tinha de resolver o caso.

Caricato!...

Resolvemos, sim. Mandámo-lo para Paço de Sousa. Foi o amor pelo «Rola» que nos moveu!...

No íntimo de nós próprios cresce a indignação pela impotência da autoridade legal, que só nos julga legais quando lhe convém. Cresce a força da ordem moral que nos possui e nos confronta com o legalismo morto e hipócrita dos papéis.

A ordem moral está primeiro do que a ordem legal. Aquela deve enformar sempre esta, sob pena de a tornar mortífera.

Nas minhas rápidas viagens ao Algarve, por causa dos peditórios, tenho observado o intenso reclame ao uso de preservativos e o aviltante incitamento à actividade sexual, como se esta fosse uma descoberta do homem de hoje.

O conceito e a palavra vergonha desapareceu da comunicação corrente! É uma vergonha!

Continua na página 4

Continua na página 3

VEIO parar às minhas mãos um par de alianças, que andou nos dedos de um casal durante sessenta anos.

Este par de anéis acompanhou uma vida longa de amor e fidelidade. Houve nela momentos difíceis, mas que sempre foram ultrapassados. Nunca, porém, a palavra dada na juventude foi posta em causa.

Estas alianças vêm assim carregadas de recordações. Traduzem e expressam uma fidelidade sem quebras. O casal que as usou durante

CALVÁRIO

Compromisso

a vida nem quis alianças nas «bodas de prata» e «de ouro». Bastaram-lhe as primeiras.

Estes pequenos aros em ouro levam-me até à Bíblia Sagrada. O tema mais constante e subjacente em toda Ela é o da Aliança — antiga e nova.

Nos primórdios, Deus fez Aliança com os Patriarcas, com a promessa de descendência e de uma terra própria.

Veio depois a Aliança com Moisés e surgiu um Povo livre.

E com o Sangue de Cristo foi selada a nova e definitiva Aliança.

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

ANCIÃOS — Hoje, há quem deixe os idosos arrumados da família, do mundo. Temos, por isso, necessidade de nos comprometer com alguns, em rendas de casa, alimentação, apoios terapêuticos, etc.

Procuramos tapar buracos com discrição, outros sem ninguém dar fé. Acudimos agora a uma velhinha com oitenta e tal, que vive só, pois Deus chamou o irmão e a família está longe.

Noutro tempo, pais e filhos construíram, no cimo do monte, a pequenina casa onde ela habita, que precisa de reparações — mas já começámos a obra, no telhado, no soalho, etc. Remendos que durem até ao fim da sua vida.

Nos dias chuvosos ela gritava da porta ou da janela à vizinhança, pedindo socorro para lhe enxugarem a casa!

Figura típica, o irmão poderia ter ido longe em habilitações literárias ou profissionais — tantas vezes no-lo disse com tristeza de coração: — *Os nossos pais só ganhavam pra gente comer. Por isso, começamos a trabalhar de pequeninos. E poderíamos ter ido mais longe do que a quarta-classe da Instrução Primária!*

Curiosamente, o homem gostava de ler o seu periódico. Sabia, por isso, da vida do País, do Mundo, das gentes. Saía um nadinha do comum dos mortais!

PASTORAL SOCIAL — Os Bispos espanhóis da Comissão Episcopal da Pastoral Social, por ocasião do Dia da

Caridade, escreveram uma nota animando os cristãos a «deterem-se perante o mistério do Corpo de Cristo, para irem, com o coração transformado, ao serviço fraterno, valente e humilde, da dignidade humana, dos necessitados, dos excluídos, de tanto coração que sofre».

Diante daqueles que «percebem Deus como problema», os cristãos descobrem «a presença de Deus nos sinais sacramentais da Páscoa, no pão e no vinho da Eucaristia. Deus escondido e revelado, Deus acessível às nossas mãos». Assinalam que a comunhão do Corpo de Cristo «permite perceber, intuir e acolher o mistério de Deus, do seu Amor incomparável». Mais: «A celebração e contemplação da Eucaristia ajuda a conhecer e compreender melhor a pessoa humana».

Lembram que: «20% da população mundial consome 85% dos alimentos; em Espanha, há cerca de 8 milhões de Pobres; e, na Europa, 52 milhões».

Concluem, afirmando: «Enquanto houver um Pobre, uma pessoa que sofra sem esperança, não estará terminada a missão da Igreja».

PARTILHA — Cinco mil, da assinante 18801, do Barreiro: «Quero também ser um elo na cadeia humana de solidários para com todos os que sofrem, dando graças a Deus por um dia nos ter enviado uma luz chamada Pai Américo — que ateu a chama a todos vós que continuam vivos e actuaes».

S. Mamede de Infesta: Idem, da assinante 28382. «Já vou fazer 87 anos e estou muito velhota».

Quinze mil, da assinante 71731, do Porto, «para o que for mais urgente e obrigada pelos momentos passados na companhia d'O GAIATO».

Fiães (Feira): «O cheque leva ofertas para três destinatários, sendo dez mil para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, destinados a medicamentos de um velhinho». Chegou na hora própria! A carta traz um pensamento oportuno: «Sê fiel até à morte e dar-te-ei a coroa da vida».

Assinante 5243, de Valongo, põe contas d'O GAIATO em ordem e, «se houver sobras» — acentua — «que poucas serão, entreguem-nas aos Pobres da vossa Conferência».

Caldas da Figueira: Um cheque da assinante 32925.

Loures: «Sou leitora assídua d'O GAIATO, assinante 31530. Não posso deixar de me comover e de me regozijar com aquilo que lá contam. No caso especial da Conferência, fico angustiada com as carências dos vossos assistidos. Por isso, envio pequena contribuição para aliviar uma parte, mínima, de tantas necessidades».

Monção: Um cheque da assinante 66815, sem mais quê.

Sossegamos a assinante 26397, de Riachos, comunicando que a oferta enviada, foi recebida oportunamente.

Presença da assinante 6252, de S. Cosme (Gondomar).

Mais outra, muitas vezes, da assinante 71461, do Porto, com um «bem haja pelo vosso cantinho dos Pobres».

Luso: O assinante 53241 satisfaz «a remessa que, há alguns meses, estou fazendo. Agora Junho e Julho, avançando já o Agosto para o que acharem mais conveniente. Só vós o podeis fazer porque estais frente às necessidades».

O nosso João Ingá, assinante 35831, de Coimbra, passou por cá e deixou dez mil. Mais um abraço!

A habitual migalhinha das assinantes 47307 e 49610, de Leiria, com lembranças do Padre Horácio.

Assinante 60788, do Porto: «Embora com atraso, mando pequena quantia, partilha de fêrias que lhe darão o destino que melhor entenderem, de acordo com as carências existentes e o vosso critério. Quero aproveitar para vos felicitar pela felicidade que Deus vos concedeu, dando-vos um neto sacerdote. Foi uma Graça divina que eu não tive, mas é

vontade de Quem tudo pode. Que Deus o proteja e o santifique». O nosso ámen.

Cinquenta mil, do assinante 22119, da Mealhada, com «a costumada migalha desta quadra do ano — férias. É a minha contribuição para as telhas da casa dessa família indicada pela vossa Conferência». O material atingiu cerca de 200 contos.

Com o mesmo objectivo, trinta mil, da assinante 58717, do Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

GENTE NOVA — Vieram, para a nossa Casa, mais seis rapazes. Todos eles porque não tinham família que os pudesse criar.

BATATA — Estamos a colher batata, logo de manhã, após o pequeno-almoço.

De tarde, um grupo separa as que estão cortadas para serem logo aproveitadas na cozinha.

PRAIA — Seguiu para Azurara o terceiro turno de rapazes que terão umas boas férias.

Os do segundo turno chegaram morenos. Ficaram muito contentes com o tempo que por lá estiveram.

PISCINA — Mudámos as molas da prancha da piscina quando fizemos as obras de limpeza e reparação de todas as coisas que não estavam bem.

Este lugar é um encanto para todos nós, ao fim da tarde, nestes meses de Verão!

NOVOS CHEFES — Foram escolhidos novos chefes, entre os companheiros mais velhos, para manterem a ordem nas casas da nossa Aldeia.

O «Fiuzza» continua a ser o chefe-maioral.

Vítor («Botija»)



Casamento do César e Berta, na Capela da Casa do Gaiato de Santo Antão do Tojal.

TOJAL

VISITANTES — Neste Ano Jubilar muita gente se teria esquecido dos mais necessitados. Mas, em nome do Senhor, não nos têm faltado visitantes.

FUTEBOL — A equipa está bastante fraca. Também nos faltam equipamentos...

PRAIA — O que é bom acaba rápido! O primeiro grupo já passou vinte dias de férias. Estão de regresso e vão terminar a apanha do feno. Os «Batatinhas» ainda lá ficaram porque merecem mais dias de praia do que os mais velhos.

AGRICULTURA — As maçãs estão a crescer, mas ainda precisam de mais algum tempo para se desenvolverem.

A batata já foi apanhada e tivemos uma boa colheita.

A cebola, o tomate, o feijão verde e outros mimos da horta

continuam a crescer. Esperamos uma boa colheita.

COZINHA — O nosso cozinheiro está a cumprir o serviço militar e fez o Juramento de Bandeira no dia 28 de Julho.

JARDINS — Dois rapazes frequentam um curso de jardinagem para termos os jardins mais alegres e bonitos.

ESTUDANTES — É uma alegria para o nosso Encarregado de Educação ver e saber que os estudantes estão a lutar pelo futuro, acabando um curso profissional, e um dia se façam homens de amanhã.

CASAMENTO — Na Casa do Gaiato muitos aprendem a ser homens, mas outros nem por isso, infelizmente.

Há tempos atrás tivemos o casamento do César e Berta, em nossa Capela.

Uma festa emocionante para toda a Comunidade. Um exemplo para todos nós.

Desejamos que sejam felizes.

Abílio («Pequeno»)

RETALHOS DE VIDA

«Caixa d'Óculos»

Eu sou o Joel Carlos Carvalho Faria. Aqui, sou conhecido por «Caixa d'Óculos».

Nasci a 26 de Fevereiro de 1988, em Tomar.

Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, por vários motivos: Faltava à Escola; as professoras queixavam-se de que eu não era bem educado, mas malcriado; não tinha comida suficiente nem bom acompanhamento; apresentava-me sujo...

Por isso, e por outras coisas mais, eu sentia dificuldade em lidar com os meus colegas — e era violento. O meu pai bebia uns copitos. Nem sempre ia trabalhar. Batia-me muitas vezes!

A Assistente Social que tratou de nós, trouxe para cá, também, o meu irmão de nove anos. Frequento já o quarto ano de escolaridade. Quando for grande quero ser pedreiro.



Joel Faria

BENGUELA

BAPTIZADO — Sou o Angélico Bonfim ou simplesmente o «Kiki» — como me chamavam na Casa do Gaiato, onde estive vários anos.

Estou casado com Helena Bonfim, há quatro anos, casamento celebrado pelo nosso Padre Manuel António, na Pêrgola da Casa do Gaiato de Benguela, após ter sido recuperada e remodelada. Temos dois filhos: a Lessa Ivonne e o Livrandro Yasser, baptizados na Capela da Casa do Gaiato.

O baptizado do Livrandro foi celebrado num dia especial, importante, um dia muito significativo, particularmente para mim, como gaiato, por dois motivos:

Primeiro, 16/07/2000, é o dia do Fundador, Pai Américo, um dia de festa, alegre, de júbilo.

Segundo, foi o primeiro baptizado celebrado pelo Padre Custódio, o mais recente, ordenado para perpetuar a Obra da Rua, iniciada por Pai Américo.

Angélico Bonfim («Kiki»)



Benguela: Parte da Comunidade antes de sair para um passeio.

Continuação da página 1

Que haja planeamento familiar!... Com as cautelas médicas e de saúde!... Dentro do recato que a intimidade humana exige!... Eu não sei discutir publicamente!... É degradante o estímulo persistente do instinto sexual.

A mesma lei que proíbe a propagação ao tabaco e a penaliza com avultadas multas não tem menos legitimidade, numa ordem moral, que outra que fizesse o mesmo a esta aberrante e escandalosa propaganda!

O abuso sexual, com todas as cautelas, será menos prejudicial à saúde humana do que o tabaco? Será!... Matará menos gente?

Setúbal

O tabaco, o álcool, a droga e o sexo não se associam facilmente? E uns não chamam os outros? Não estarão todos na base da ruína humana?

Com os pobres a gente vê isso com uma evidência cristalina. Com os ricos as coisas são mais camufladas, mas não deixam também de se perceber!

É à degradação dos jovens e adultos que se deve ir buscar a criminalidade infantil. Se queremos evitar esta, devemos prevenir aquela. Isto é claro como

água. Nenhuma criança nasce criminosa!...

A Lei de Deus é o expoente máximo da sabedoria humana e o Decálogo a sua expressão mais próxima! Haverá alguém que duvide?

A ordem moral é a raiz de todas as prevenções. Estarão os homens do poder e da lei interessados nela? Ou preferem apagar fogos.

Há muitos anos que o Padre Américo, com a sua experiência e luz, berrava com toda a força: — *É mais fácil e mais barato evitar criminosos do que sustentá-los!*

Quem não quer criminalidade infantil não a faça. Previna-a!...

Padre Acílio



Entrada da Casa do Gaiato de Setúbal

DOCTRINA

Os Pobres compreendem o Pobre e sentem o seu viver



MAIS um depósito anónimo no Banco, de mil escudos. Quem dera mil contos; e eu necessito de muito mais. Mais duas respostas ao Adolfo; uma de cem e outra de vinte escudos deixadas em *A Ordem*. Começa o furão a enxotar coelhos! Mais um donativo de cinco mil escudos, de um *sermão* de dez minutos que eu preguei em Lisboa, no segundo andar de um prédio da *Baixa* a um diminuto auditório, extasiado! Nem estola nem rendas nem exame de pregador. *Verbum Dei non est aligatum*. Mais 640\$00 de donativos oferecidos por intermédio d'*O Comércio do Porto*; mais 100\$00 nas ruas da cidade. Mais 100\$00 de um visitante a Paço de Sousa; e mais idem, idem, e mais idem. Outro visitante trouxe roupas e rehuçados. Outro veio fazer o seguro das casas já construídas, gratuitamente.

FOMOS buscar mais garotos ao Albergue. Pois no momento em que um deles tirava bilhetes para a estação de Cête, um homem pobre aproximou-se e pagou tudo. Eu estava ao pé e vi com os meus olhos.

AS jóias que me lançam nas igrejas, dentro das sacas do peditário, são sempre jóias pobres, oferecidas por gente pobre. Nunca topei um anel ou alfinete de brilhantes. Não, que tu queres brilhar! A jóia que se retirou do peditário na Lapa, no domingo passado, foi justamente um anel pobrezinho; e com ele mais mil e oitocentos escudos. Os Pobres compreendem o Pobre e sentem o seu viver.

UM grande número de pequeninos que temos em nossas Casas, são crianças recolhidas por gente sem nada que, só porque não lhes podem dar de comer, é que no-os entregam; o que necessariamente implica um duplo acto de amor. Por amor os recebem e por amor os dão!

OUTROS Pobres sobem mais alto e vêm declarar submissos: — *Senhor, a gente não pode dar a criação ao menino*. Assim ouvi há dias da boca de dois amancebados, cobertos de farrapos e pedintes de feiras, de quem tu foges a quatro pés e costumavas dizer mal por não respeitarem a lei: «Olha os pecadores públicos!» Apedrejas os pecadores? O Mestre não fez nem ensina assim. Tira a trave dos teus olhos, ó tu que pretendes julgar os mais!

MAS ele há voos mais altos: Uma velhinha cega, pedinte dos caminhos, deu-me o seu guia com medo de que ele viesse a dar em ladrão — e ficou às escuras! Oh Pobres dos caminhos, monumentos de generosidade, eu quero deixar saudades e merecer a vossa bênção à hora da minha morte!

FALEI, há dias, em azeite; pedi azeite para a nossa despensa. Disse de como havias de despachar para a estação de Cête e mandar guias ao regente da Casa do Gaiato, em Paço de Sousa. Eu disse tudo a tempo e horas — e tu, nada. Ou estás à espera que outros falem?! É que não amas, senão querias ser o primeiro a chegar ao Sepulcro de Jesus!

AS entradas desta semana incluem quatro pequeninos do Albergue Distrital e dois habitantes das ilhas do Porto. Um destes pediu, insistiu, rapou-se, fez tudo quanto se lhe disse e cá está.

(...) O ZÉ DO PORTO tem ido aviar recados à Cidade, com muito tino e precisão. Tem onze anos. Vai ser nomeado procurador da Casa. O da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo é da mesma idade e vem bastas vezes a Coimbra tratar de negócios. *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes* — eis a nossa divisa. Às vezes pergunta-se-lhes, à laia de ameaça, se querem um guarda; e as pequeninas vozes atroam os ares com uma fora unânime, violento e decidido. Oh arte sublime de fazer homens de bem!

D. Américo!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

Cartas

Devoro-o sempre

«Mando uma oferta para satisfazer o encargo com a 'assinatura' do maravilhoso *Jornal O GAIATO* que devoro sempre que o correio o deixa na respectiva 'caixa'.

Aproveito a oportunidade para apresentar ao Padre Carlos os meus cumprimentos, recordando os tempos em que, quando alunos da Faculdade de Engenharia, do Porto, estávamos hospedados na mesma Pensão; e formular votos das melhores felicidades no desempe-

no da missão que abraçou com total doação de sua vida.

Assinante 21256»

Recordação de Pai Américo

«Venho prestar contas, mas não as sei fazer. Segue um donativo de minha mulher e meu.

Aproveito para agradecer a maneira evangélica como têm sabido continuar a Obra, tão de acordo com a maneira de ser e de actuar do Fundador, que de perto

tão bem conheci e ajudou a minha formação juvenil no C.A.D.C. de Coimbra. Eram os tempos de *Sonho*, da *Colónia de Férias* em S. Pedro d'Alva e, mais tarde, da Obra a iniciar-se, pela graça de Deus, em Miranda do Corvo.

Na recordação da figura enorme de Pai Américo eu, pobre pecador, atrevo-me a pedir ao Senhor dos Céus e da Terra que vos anime e ilumine sempre.

Assinante 45666»

É incomparável!

«Junto um cheque para a assinatura de 2000 do querido *O GAIATO*; incomparável para nos abrir os olhos para o mundo real e para nos levar a partilhar com o nosso semelhante. Não tem preço, mas é preciso pagar despesas. Peço, portanto, para tirarem o necessário para esse efeito; e o restante seja para qualquer necessidade, gota de água no oceano do vosso bem-fazer.

Assinante 21788»

A sua leitura é bálsamo

«Tenho ao pé de mim *O GAIATO* do qual meu marido é assinante. A sua leitura é bálsamo para qualquer coração. Foi tocada por ele que resolvi enviar, entregando em vossas mãos, o óbolo que junto. Ajudai aqueles que precisam e que

recorrem a vós porque eu fico com a certeza de que tudo o que fizerdes é bem feito e vai ter ao lugar certo. Que Deus vos abençoe para continuarem a vossa Obra.

Assinante 29644»

Um agulhão

«Quando passo os olhos pel'*O GAIATO* todo o meu ser se comove com os testemunhos de vida nele expressos e vêm-me à memória tantas oportunidades perdidas (leia-se, que eu perdi) de fazer o bem. No que se refere à caridade, *O GAIATO* é o 'agulhão da minha consciência', mas eu não o dispensar; e peço a Deus que continue a incomodar-nos, a chamar e a dar testemunho.

Assinante 68531»

A Obra faz bem a quem recebe O GAIATO

«Os meus desejos de que a Obra cresça, não em número de rapazes mas nas virtudes daqueles que lá estão e que são os donos e senhores de tudo isso.

Esta vossa Obra não faz bem só a vós, mas a todos que estamos cá fora e recebemos *O GAIATO*.

É o dia mais alegre da minha quinzena, aquele em que me chega às mãos, embora as lágrimas muitas vezes corram durante a leitura.

Assinante 32691»

Sentimentos de um pobre

Sinto a alegria desta vida porque Deus me deu para viver no Seu amor e andar nos Seus caminhos.

Sinto uma dor no coração por existir a guerra que atormenta todo o ser e destrói tantas vidas.

Sinto a tristeza dos mais tristes pelo bem roubado pelos senhores da Terra que de tanto a quererem, não querem a Paz.

Orlando

«Bodas d'Ouro» sacerdotais do Padre Horácio

ONTEM, domingo, recordámos no altar do Senhor os 50 anos de sacerdócio do nosso Padre Horácio. Foi em 13 de Agosto de 1950 que ele foi ordenado sacerdote. Pouco tempo depois, em 3 de Setembro, tomava o seu lugar nesta Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Em conversa, algum tempo antes de falecer, confidenciou, quase prevendo o seu fim eminente: — *Se eu ainda cá estiver, gostaria de celebrar este dia...* Não o fez cá, mas no Céu deve ter sido uma festa... a que nós, com infinitas limitações — que não distâncias — nos associámos. Nada melhor de que junto do altar do Senhor. Ali vemos tudo com consistência verdadeira. Nada, nem a morte, pode destruir a vida do justo, daquele que imita, ainda que de forma infinitamente imperfeita, o pensar e agir de Deus.

A nossa Missa foi uma celebração simples, sem grandes cerimónias nem presenças assinaláveis. Durante 50 anos o Padre

Horácio pisou este chão sagrado elevando o cálice da Salvação; misturando a sua vida de Padre da Rua com a vida de Cristo Sofredor e Redentor — foi assim que referi a ocorrência aos rapazes.

Mas nós não queremos nem podemos deixar de colocar a luz no seu lugar: o candelabro. Mais por aqueles que dela precisam. É nesse sentido que no próximo dia 17 de Setembro assinalaremos, de modo festivo, a ocorrência das «Bodas d'Ouro» sacerdotais do nosso Padre Horácio. Ainda assim, queremos sentir de perto a discreção com a qual Padre Horácio acertava a sua vida. Quanto gostaríamos que nesse dia os gaiatos destas cinco décadas estivessem presentes, antes de mais na Grande Mesa da Eucaristia, da qual, por certo, Padre Horácio tirou o melhor que deu aos seus gaiatos: o Pão da Vida que não tem fim, como se sentisse em cada Missa o mesmo anseio do Padre Américo: «*O que mais desejo é ver, um dia, à Mesa do Reino de Deus, sentados comigo, cada um dos meus filhos, vestidos desse*

bragal de infinita brancura que é a Graça divina...»

Faremos festa a que se associará o nosso Bispo. Que a ela presidirá naquela missão predilecta de Pastor das ovelhas mais desprotegidas do seu rebanho.

Faremos festa na mesa fraterna do pão do convívio e da amizade que torna as nossas vidas mais felizes, com o almoço a ser confeccionado em nossa Casa, pelos gaiatos e suas mulheres. Era assim que Padre Horácio gostava. Vamos preparar um cantinho muito lindo que nesta Casa perpetue, para sempre, a sua memória no coração dos gaiatos.

Faremos tudo com muita simplicidade e elegância, que uma ilumina a outra, respeitando contudo a virtude da modéstia que tanto ornou sempre a vida do Padre Horácio.

E, no final, havemos de pedir que nos abençoe; que nos faça desejar o dom de Deus que ele, assim o acreditamos, já possui em plenitude.

Padre João



BENGUELA

Parábola dos talentos

LEMBREI-ME, esta manhã, da parábola dos talentos: Um senhor foi de viagem e distribuiu pelos servos o que tocava a cada um, segundo as suas capacidades, para o porem a render. Foram dons diferentes. Não importava. Cada um fizesse o que pudesse e a mais não seria obrigado.

O comportamento dos servos não foi igual. Dois cumpriram; o terceiro, não. Para os primeiros, o resultado foi 100% mais; para o último, 100% negativo. Frutos diferentes para atitudes diferentes, também.

Há dias, o pároco da comunidade onde nasci, convidou-me a celebrar com o Povo as Eucaristias do Domingo. Quer uma paróquia aberta para além das fronteiras geográfica e pessoal. É gente muito generosa e tem mostrado que o é. Fiquei impressionado com a sensibilidade demonstrada perante a situação aflitiva por que a maioria das crianças e famílias de Angola estão a passar. Falei aos cristãos do que levava no meu coração. Falei do meu espanto diante da superabundância que vejo e de tantas coisas estragadas, desde a comida, roupa e mais... Falei de Angola e da sua riqueza esbanjada na guerra... Crianças sem escola por falta de salas e professores e material escolar. Tenho diante de mim um *fax* a pedir esferográficas azuis e vermelhas, lápis, borrachas, compassos, giz... São centenas de crianças que levamos em nossas mãos. São milhões as que andam perdidas à procura da mão que as salve. Vejo-as, de olhos fechados. O povo sentiu e amou.

No diálogo com as pessoas há uma pergunta quase sacramental: — *Que podemos fazer? Se não fosse a guerra nada faltaria.* É verdade! Mas o povo não tem culpa. É vítima inocente.

Volto à história dos talentos. Cada um recebeu os seus para os pôr a render. Há sempre algo que posso fazer. Se assim é, não posso cruzar os braços. Não resolvo tudo. Faço o que puder.

Estou a lembrar-me da criança que morreu, há pouco tempo, com nove anos. De quantas coisas se privou, voluntariamente, para ajudar crianças como ele, lá, bem longe! Os pais, na educação dos filhos, têm o segredo duma sociedade nova. Semeadores de boa semente, abram-lhes o coração para fora das suas fronteiras pessoais. Filhos cheios de vida são aqueles que comunicam vida aos que têm menos ou têm nada. Esta vida chama-se comunhão. Obrigado!

Padre Manuel António

Continuação da página 1

a esta Aliança. A própria catequese não tem como base educativa a Aliança. A pregação não está centrada nesta Aliança e no que ela supõe e implica. O folclore penetra nos templos, nas festas, nas romarias, nas devoções e faz esquecer o essencial. Mas tudo quanto não estiver relacionado como fundamental não é verdade.

A Igreja sofre as consequências do ar que se res-

Calvário

pira. Hoje tudo é transitório, passageiro, fácil. Nada parece definitivo. Tudo é posto em causa. Ata-se e desata-se com a maior facilidade o calçado com que caminhamos na vida.

Talvez por isso a característica mais acentuada do homem moderno seja exactamente a falta aos compro-

missos assumidos ou à ausência deles.

Estes anéis que tenho comigo são o símbolo expressivo da fidelidade.

Quando vejo alguns doentes, há dezenas de anos, realizando os mesmos gestos, prestando ajuda e dedicação permanente aos mais limitados que aqui temos, vem-

me à lembrança a Aliança sagrada entre Deus e o Seu povo.

A noite cafu. Os pássaros calaram-se. Mas a água vai caindo nos canteiros das rosas.

— Então, a estas horas?

— *Prometi e tenho de regar tudo hoje, senão as flores murcham* — diz-me o Artur com a mangueira nas mãos.

Longe vai o tempo em que a palavra dada era coisa sagrada.

Padre Baptista

Diocese de Benguela em festa

NÓS também somos parte desta Igreja local e, com ela, vivemos os grandes momentos que experimenta neste Ano Jubilar.

Na Festa da Transfiguração foram ordenados treze sacerdotes e doze diáconos, filhos desta Diocese. Uma celebração solene e profunda. E para quem vem de um País pobre em vocações sacerdotais, aquela cerimónia foi extraordinária.

Impressionou-me muito o envolvimento dos nossos rapazes na grande celebração. Um grupo participou na preparação do local onde as ordenações se realizaram. Outro, era do acolhimento. E outros participaram na dança durante a procissão das oferendas. O nosso Júlio, na procissão, levava um cabrito. Muito bonito o gesto dos nossos rapazes! Eles sabem que fazem parte desta Igreja local e vivem a sua vida. Outro grupo, ainda, envolvido em vários movimentos da paróquia vizinha: megistas, cruzados e escuteiros. E todos são membros fiéis e activos.

No dia 8 de Agosto, festa de S. Domingos, dois dias depois das ordenações, a Diocese viveu a festa da profissão perpétua de duas Monjas Dominicanas. Um grupo de rapa-

zes nossos participou nesta celebração. Estas Irmãs fazem parte da nossa vida. É como diz o nosso Padre Manuel António: — *Enriquecem a nossa vida espiritual. Rezam muito, não só pela Casa de Benguela, mas também pelas outras Casas do Gaiato.*

No Domingo, 13 de Agosto, na Sé Catedral, cinco Irmãs Doroteias fizeram a sua profissão perpétua. E mais uma vez a Diocese esteve em festa. Bendito seja Deus que está a abençoá-la, a enriquecer a sua Igreja.

Padre Custódio Langane

PENSAMENTO

A Caridade faz deslumbrar as obras do mundo.

PAI AMÉRICO



Panorâmica da quinta de Benguela